

# Uma seara de emoções na poesia de Quina Faleiro

José Carlos Vilhena Mesquita

A Poesia é o paraíso da inteligência e das ideias sublimes, é uma sementeira de concepções e ideais, uma seara de emoções e de sentimentos, de cujo pão se alimentam sonhos de liberdade e de fraternidade, que se consubstanciam no amor e na paixão. A poesia é um manancial de sensações, uma dialéctica do impressionismo emocional, que se agita em torno das palavras como ebulições do pensamento. É a efervescência das ideias nas etéreas cogitações da alma. Agitam e exprobram as concepções estáticas da sociedade, censuram e condenam o autoritarismo, combatem a arbitrariedade do poder, vituperam a tirania, desfraldam a bandeira da liberdade e expõem-se ao sacrifício do combate. Estes são os poetas, os líricos do passado, que ergueram uma pátria, enaltecera um povo e consolidaram uma nação.

Os poetas da modernidade são diferentes, pensam muito e sonham pouco. Parece que têm um coração árido, frio e infecundo, que os indispõe com a vida porque a não sabem idealizar. A poesia moderna não é renovadora, e muito menos regeneradora, porque lhe falta alegria, virilidade, nobreza e coragem. A poesia actual não tem vida, porque se tornou hermética, insensível, abstracta, intelectualizada e, sobretudo, incompreensível. Os poetas da modernidade fazem uma poesia material, sem espírito nem carácter, sem ritmo nem musicalidade, num emaranhado de palavras onde se perde o sentido das coisas e se rebuscam pensamentos num deserto de ideias.

Os poetas são os primitivos revolucionários da nossa civilização. Vemo-los na antiga Grécia a quebrar o escudo da liberdade contra a ignomínia do autocratismo. E vemo-los em Portugal, no revolucionário poema épico de Camões, invocando a grandeza do povo Lusíada, ou nos poemas satíricos de Bocage contra a opressão estrangeira, ou nos sonetos de Antero proclamando a



**Quina Faleiro ao lado de Maria Romana e de Manuela Saraiva, durante um recital de poesia na Escola de José Neves Júnior, em Faro.**

aurora redentora do socialismo utópico. Por vezes, os poetas abalroam credos e apologias de fé, remexem no íntimo das crenças, desmoronam dogmas, arrasam refulgentes filosofias, estraçalham ideais e esboroam ideologias.

A poesia contém tudo porque em si encerra o mundo. Na poesia vemos a ciência e o ateísmo, a fé e o fanatismo, a intolerância e o sectarismo. Nos poemas de Antero ou

de Junqueiro vemos nuns o agnosticismo e noutros o ceticismo, mas em todos sente-se a descrença, quando concebem a criatura sem ver o criador. Mas, por mais ideológicas e sublimes, ou por mais profundas, ascéticas e enigmáticas que sejam as proposições de um poema, não restam dúvidas que é na poesia que tudo se transmite, que tudo se renova e, sobretudo, que tudo se transforma.

Mas os poetas são melancólicos, vivem com a alma a meia haste. Neles o sofrimento é um factor de inspiração e uma necessidade moral para a criação lírica. A Quina Faleiro era disso um exemplo flagrante. Aparentava um ar feliz, prazenteiro e jovial, mas só algum sabia como sangrava aquele coração e como se lhe dilacerava a alma, afogando muitas das suas ilusões nas pesadas lágrimas da solidão. Possuía um enorme talento para a poesia, um espírito raro de sensibilidade e de criação, sempre aceso pela chama do génio. Mas entre nós prezamos muito pouco a virtude e o génio. Esse puro e diamantino génio, sente-se no acto de criação lírica, que só aos eleitos o anélito de Deus inspira e protege. A expressão é que difere. A luz e a cor são do pintor, a forma do escultor, a palavra do escritor. Mas a emoção é do poeta. No jogo das sensações e no choque das impressões, nasce um místico mundo de fantasias e de quimeras, mas também de dolorosas certezas e de cruéis realidades, que desfilam pela escadaria do poema como as tumultuosas águas das íngremes cataratas em que se liquesceram as utopias. Essas fluidas cataratas são as metáforas que desaguam no remate dos sonetos da Quina Faleiro.



**Quina Faleiro lendo um dos seus poemas num recital da AJEA**

A nostalgia da saudade, mas também as comoções do amor e as vicissitudes da alma, invadiam os seus poemas como uma enxurrada de sentimentos. Só a Quina era capaz de o fazer com tal realismo, que a todos nos deixava na infeliz sensação de que era a pessoa mais desventurada e desafortunada deste mundo. Até mesmo quando fingia sentir na alma a tortura do imaterializável, ela

conseguia transmitir-nos em belas metáforas a sincera nostalgia de um ideal por construir.

Aqueles que conheceram a Quina Faleiro, aperceberam-se certamente das suas raras qualidades humanas, direccionadas para a fraternidade social e para a sensibilidade cultural. Porém, a vida, não lhe foi fraternalmente sorridente, obrigando-a desde cedo a tomar responsabilidades, a reconhecer atribuições e competências, a respeitar hierarquias, estatutos e diferenças sociais. Para ganhar a sua independência meteu ombros ao trabalho e lutou com todas as suas forças para vencer e se afirmar num mundo destinado ao sucesso dos homens. Soube impor-se, mas como mulher e como alentejana, aprendeu a sofrer, a suster a raiva e a calar as mágoas. Por isso procurou na poesia um novo alento de vida, escrevendo os seus poemas como quem se revela num confessionário de ensurdecadores silêncios e de

cintilantes mistérios. Na escadaria dos versos construiu sublimes sonetos, sobre os quais ergueu o altar expiatório dos seus queixumes.



Tito Olívio, Quina Faleiro e Ferradeira de Brito, na exposição dos poetas e pintores da AJEA, realizada na Galeria Municipal de Tavira, em 1999.

A Quina Faleiro assumiu a poesia como reflexão de vida e revelação íntima da sua grandeza de carácter, da sua inocência e pureza de alma. A breve trecho, a poesia tornou-se não só numa espécie de refúgio como também numa bandeira de libertação. A poesia era o seu mundo de fantasia e o seu segredo mais secreto. De tal forma assim era que nunca foi

capaz de aquilatar o valor e a qualidade daquilo que escrevia. Levou anos escrevendo no recôndito remanso da sua intimidade. Até que se acercou dos poetas da Tertúlia Hélice e pediu ajuda ao Tito Olívio, um dos mais conceituados poetas do Algarve. Depois de ler os seus poemas, incentivou-a a prosseguir os caminhos de Orfeu, dissipando-lhe dúvidas, limando excrescências aqui, corrigindo imperfeições ali... em suma, instruindo-a nos nobres cânones da lírica clássica, fornecendo-lhe novos rumos e diferentes perspectivas para o futuro da sua obra.

Conheci a Quina pouco depois, nos inícios de 1998, primeiro por carta, que dela recebi acompanhada de alguns sonetos, e só depois pessoalmente numa reunião da Tertúlia da Hélice. Ao ler os poemas que me enviou fiquei bastante impressionado com a mensagem emocional dos seus versos, plenos de beleza espiritual, de apurado sentido estético e de perfeita compleição lírica. A sua configuração poética era modelarmente clássica, ritmada pelo evoluir das imagens e pela fantasia das palavras, magicamente encadeadas em idílicas metáforas e em profundos conceitos filosóficos. Quando li os seus sonetos, senti que estava na presença de um misto de Florbela Espanca com Fernando Pessoa, uma mescla de tormento sentimental e desditosa solidão, com uma angustiante duplicidade mental e amargurada insatisfação amorosa. Sentia-se nos seus sonetos uma mulher ansiosa e carente, com um imenso coração de generosa afectividade, que, num ímpeto criador, apenas desejava amar e ser amada. Esse era o seu drama íntimo, a sua mensagem poética.



Quina Faleiro em 1998

À imagem de Florbela também a Quina transmitia nos seus versos uma profunda infelicidade, uma pungente solidão, numa alanceada ferida de paixão, que sempre supus fosse um artifício poético, mas que em breve me apercebi da sua veracidade.

A Quina, não possuindo uma instrução superior era, porém, uma mulher superior, uma alma de eleição, cuja convivência alardeava uma razoável erudição e uma profunda curiosidade pelos caminhos da modernidade. Os problemas sociais dos trabalhadores, a defesa do ambiente, a educação dos jovens, o desemprego nas cidades, sobretudo no seu Alentejo natal, eram alvo constante das suas conversas, das



Amigos e familiares que compareceram à cerimónia de descerramento da placa toponímica da Praceta Joaquina Faleiro, em Faro, a 25-05-2013.

suas preocupações e lamentos.

Estava atenta a tudo, e em tudo procurava inspiração para os seus belos sonetos. O sofrimento alheio flagelava-lhe o coração e os seus versos transluziam essa aflição, numa denúncia épica de lancinantes imagens poéticas. A Quina ao longo da vida depressa percebeu que a integridade moral e

a honra são os supremos valores em que se deve moldar o carácter humano. Por isso sempre comungou desses valores, pautando a sua conduta pela insubmissão, pela liberdade e pela libertação, contra a injustiça da diferença e a crueldade da indiferença. É desse universo, desse pélago de intensas perturbações e rupturas sociais, que nos fala a poesia de Quina Faleiro. Sente-se nos seus versos uma alquimia de impressões, mescladas num doloroso sofrimento de rejeição, de que ressuma a interjeição da deslealdade. A perfídia é um dos seus campos preferidos. Uma lavra de quem sabe por onde arrotar. E quão sentenciosas palavras sulcam os seus poemas, como se neles traçasse um mapa de desencantos. Os seus versos ferem-nos por dentro, estremecem-nos a alma, impressionam-nos em sentimentos de culpa. Reflete-se neles o exorcismo do aleive e da insídia. E neles espiam-se os gestos que se escondem por detrás das mãos que nos enganam, modelando rostos que se esfumam na imperceptibilidade das formas. Não vemos ninguém, apenas sentimos. Estamos todos ali, presos naqueles versos que nos acorrentam à realidade amarga da vida. Amamos e sofremos, somente.

Por outro lado, os sonetos de Quina Faleiro são um exemplo flagrante dessa espécie de surda dialéctica interior entre a mágoa das quimeras e a imaterialidade do sonho. É o amor que espreita nas esquinas do tempo, fugaz e enganador. É a construção dos arquétipos, moldados na inatingível perfeição dos seres que nos rodeiam. A Quina imaginou-os esculpido no barro do Olimpo, puros e sem mácula, talhados sob os cânones dos deuses. O ídolo que erguera fez-se em pó, esboroou-se nas fissuras da traição, apodreceu nas entranhas da matéria. Diluiu-se o sonho,

desvelou-se a farsa e a aurora rompeu luminosa no orvalho das lágrimas. A vida resumava novamente, titubeante e confusa, por entre os escombros do passado.

A Quina Faleiro foi uma mulher que soube privilegiar a amizade e a convivência social, tendo a poesia como lenitivo de vida. Possuía uma inata propensão para a criação literária, escrevendo belos poemas, primorosos sonetos, sensibilizantes crônicas e enternecedores contos literários, que tinham por especiais destinatários os mais jovens, cuja formação ética tanto a preocupava. As crianças, na sua educação e desenvolvimento moral, eram a sua constante fonte de inquietação e de inspiração literária – e o brilho com que falava da sua netinha a todos nos enternecia.

A Quina Faleiro era uma mulher encantadora. E apesar da sua idade nunca perdera inteiramente o viço da juventude já distante, nem da sua natural e ainda visível beleza física. A idade não lhe



lhe sulcara o rosto, nem lhe disformara o corpo. **O poeta Tito Olívio lendo um soneto de Quina Faleiro, após a inauguração da Praceta pelo presidente da edilidade, engº Macário Correia.**

Mantinha-se elegante, jovial e fresca, irradiando alegria e boa disposição, marcando no seu convívio tertuliano uma vincada presença. Presencialmente era a mais completa antítese da cruel solidão e da tormentosa infelicidade transmitida nos seus poemas.



**Quina Faleiro pouco antes de falecer em 2-11-2004**

Todos os que convivemos com a Quina sentíamos por ela uma imensa simpatia, uma fraterna amizade e uma enorme admiração pelo seu talento poético. Não tendo sido uma poetisa de reputação nacional, foi contudo uma mulher de grande sensibilidade artística e de grande inteligência. Tive, por outro lado, a honra de prefaciá-lo seu primeiro e único livro, intitulado *Choram Meus Dedos*, cuja apresentação pública, na «Livraria Odisseia», constituiu um dos maiores sucessos da AJEA, com mais de uma centena de exemplares vendidos e uma avassaladora presença de público.

Os seus versos são palavras meigas, percorrendo o corpo sensível em toques de emoção, exalando segredos que se sussurram, na aragem do amor volatizado pelo fogo da paixão. São como rosas brancas em perfumadas pétalas de imaculada candura. Mas entre a pureza da aparência despontam acerados espinhos em pungentes versos de amor inconseguido. Esta é a lição de vida que a Quina

Faleiro nos legou como uma herança espiritual, que todos nós, os que verdadeiramente a admiravam, devemos eternamente preservar.

A poesia surgiu na vida de Quina Faleiro como lenitivo da solidão, uma espécie de confidente companheira, que não desilude nem abandona nos momentos em que o desespero parece querer trucidar a alma. As desilusões e amarguras que antes em lágrimas se transformavam, correm agora nas asas do prelo em belos sonetos materializadas.

Mais do que tudo quanto possa aqui recordar, a Quina deixou-me uma profunda sensação de perda, uma inconsolável tristeza e uma persistente lágrima de saudade.

*José Carlos Vilhena Mesquita,*  
presidente da Associação dos Jornalistas  
e Escritores do Algarve



*Para melhor elucidação dos nossos leitores acrescentamos um breve apontamento biográfico sobre a poetisa, a que juntamos ainda uma pequena antologia poética, extraída do seu último livro, publicado como homenagem a título póstumo pela AJEA edições em 2006.*



**QUINA FALEIRO**, nome literário de Joaquina Ramalhosa Faleiro Antunes da Silva, nasceu a 28-10-1931, na vila do Redondo, onde viveu até aos 7 anos de idade, altura em que seus pais fixaram residência em Évora. Nesta cidade fez os seus estudos, tendo concluído o curso comercial na Escola Industrial e Comercial de Gabriel Pereira, após o que iniciou a vida profissional, primeiro como escriturária e depois como orçamentista, em empresas ligadas ao ramo imobiliário e construção de obras públicas.

Desde muito jovem que se sentia atraída para as letras, dedicando muito do seu tempo à leitura dos clássicos e ao estudo da literatura portuguesa, revelando-se desde logo numa apaixonada admiradora da poesia florbeliana. Mas só após a aposentação é que começou a escrever, tanto em prosa como em verso, revelando especial apetência para a composição lírica. A sua predileção pelo soneto seria depois compensada e reconhecida através da atribuição de vários prémios literários.

Em 1970 veio residir para a cidade de Faro, onde granjeou amigos e admiradores nos

mais diversos setores da cultura, em particular da literatura e do jornalismo. Foi colaboradora pontual da imprensa regional, especialmente do Alentejo e Algarve.

Em vida publicou apenas um livro de sonetos intitulado *Choram Meus Dedos*, editado em 1998 pela AJEA-Associação dos Jornalistas e Escritores do Algarve, a cujo grémio pertencia desde a sua fundação. Nessa obra, Quina Faleiro revela um lirismo plasmado nos cânones clássicos da poesia, sem conseguir esconder as influências do soneto florbeliano, a que sempre se manteve fiel. Muitos dos seus sonetos obtiveram diversos prémios literários em várias cidades do País. Participou em vários recitais de poesia e divulgou os maiores vates nacionais pelas escolas secundárias do Algarve.

Pertenceu à AJEA - Associação de Escritores e Jornalistas do Algarve, à Academia Antero Nobre e à Tertúlia da Hélice, em Faro.

Quina Faleiro, faleceu a 2-11-2004, em Faro, vítima de doença prolongada.

A 11-3-2006 a AJEA prestou-lhe uma homenagem póstuma no auditório da Biblioteca Municipal de Faro, onde estiveram presentes numerosos amigos, poetas e admiradores, para além de representantes da autarquia e do Governo Civil-. Nessa homenagem foi apresentada a edição do seu derradeiro livro de poesia, intitulado *Viagem dos Sentidos*, publicado a título póstumo, pela AJEA edições.

Para divulgação da sua inspiração poética e do seu talento literário, procedemos à seleção de alguns poemas da sua autoria que aqui transcrevemos em breve antologia.

## POEMAS

### SE EU VOLTASSE A SER MENINA...

Se eu voltasse a ser menina  
 Não mais queria crescer  
 Ficaria pequenina  
 A ver o tempo correr  
 Não mais teria desejos  
 Das minhas tranças cortar  
 Não mais pediria com beijos  
 Saltos altos para calçar  
 Não mais me deslumbraria  
 No espelho sempre a olhar  
 Para ver se dia a dia  
 Mais alta ia ficar.  
 Se eu voltasse a ser menina  
 Nos meus olhos de criança  
 Inundados de verdade  
 Eu semearia a esperança

enxertada de amizade  
 Pois essa flor de cristal  
 Singular amor-perfeito  
 Cresce e sem darmos por tal  
 Já não nos cabe no peito.  
 Se eu voltasse a ser menina...  
 Mãe contigo ficaria  
 Sob teu amor profundo  
 E assim de novo teria  
 O maior tesouro do Mundo.

### A REJEIÇÃO DO POETA

O poeta rejeita a cruz do desespero  
 Que lhe tolhe os ombros,  
 Rejeita todos os caminhos dispersos  
 Onde o som dos seus versos  
 São a única luz nos escombros.

Ignora o murmúrio de pena  
 No perpassar dos seus passos,  
 Diz não à mão que lhe acena  
 E a fogo quer tatuar seus braços.  
 O poeta é irreverente, bravio,  
 É provocação, é desafio.  
 Gritando bem alto a toda a hora  
 Que apenas quer ser  
 Arauto de sublime e eterna aurora.

### VIAGEM DOS SENTIDOS

Navegante de sonhos fui ao mar,  
 Procurei bem no fundo a lua cheia,  
 Enfeitei os meus olhos de luar,  
 Adornei-me de búzios e areia.

Nos pulsos tatuei o verbo amar,  
 Na frente acendi luz... uma candeia.  
 Essa luz me ajudou a procurar  
 O amor, meu alimento, minha ceia.

Com a Lua nas mãos, rumo à estrada,  
 Os olhos espelhando uma alvorada  
 E nos lábios mil sonhos coloridos,

Perfumei o caminho com um beijo  
 E escalei a montanha do desejo,  
 Sobre o dorso da Águia dos Sentidos.

### PARA QUÊ?

Caminhamos de forma que alucina,  
 No corre corre, irmão que é da loucura,  
 Na ânsia de contornar mais uma esquina,  
 E da vida a fazer triste aventura.

Cercados pela carga da rotina,  
 Na boca o travo amargo da procura,  
 Os pés escorregando na ravina  
 Feridos nos liames da tortura.

E nessa maratona tudo esvai,

Sem paz até o amor tropeça e cai,  
 Porque os sonhos desistem da jornada.

Assim, tenho vontade em perguntar:  
 Para quê essa pressa de chegar,  
 Se mesmo devagar se chega ao nada?

### ENIGNA

O Tempo diz adeus e vai embora  
 Leva o melhor de nós sem alarido  
 E ao arrastar os sonhos hora a hora  
 Do maior vencedor faz um vencido.

E no tempo que cada um de nós chora,  
 Se o amor fica nele diluído  
 O tempo será sempre vida fora  
 Flor de espuma nas setas de cupido.

E assim em cada instante que se esvai  
 Da marcha rotineira ele não sai  
 Fazendo dos ponteiros dois algozes.

Enigma, que ninguém pode entender  
 Pois longas são as horas a sofrer  
 E os dias de ventura tão velozes...

### A SOLIDAO DO POETA

Poeta tu estás só,  
 Triste está teu coração  
 És um moinho sem mó  
 Perdido na solidão.  
 Quem por perto de ti passa  
 Ouve-te chorar baixinho,  
 Lembras na dor que te enlaça  
 Uma triste ave sem ninho.  
 Os teus gritos de revolta  
 São fogueiras crepitantes  
 Que ardendo livres à solta  
 Troçam de ti delirantes.  
 No ruído em torvelinho  
 Não podes estar mais só,

Que até a dor de mansinho  
Segreda de ti ter dó.  
Por isso queres fugir,  
Para esconder tua dor  
E na ânsia de partir  
Somente levas amor  
Num doer amargo e fundo

Que te pesa, tanto, tanto,  
Igual ao peso do Mundo  
Todo molhado de pranto.  
Queres lembrar na distância  
Os mimos dos tempos idos  
Poalha de oiro... a infância  
Pra embriagar teus sentidos...



Inauguração da Praceta Joaquina Faleiro, em Faro, no dia 25 de Maio de 2013.